

ESPECIARIA

Cadernos de Ciências Humanas,
v. 21, ano 2024 | ISSN: 2675-5432

O Sofrimento e a Metafísica dos Valores Niilistas: Deus Está Morto (?)

Raíke Barone Costa Santos

Mestrando do Programa de Pós Graduação em Letras: Linguagens e Representações (PPGL/UESC)
<https://orcid.org/0000-0009-0006-6331-0091>

Antônio Marcos Borges de Oliveira

Discente do Curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC/BA)
<https://orcid.org/0009-0001-2422-3271>

Roberto Sávio Rosa

Professor do Departamento de Filosofia e Ciências Humanas (DFCH), da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC/BA)
<https://orcid.org/0000-0001-8441-9762>



Recebido em: 23/04/2024
Aprovado em: 20/06/2024
Publicado em: 11/07/2024

O Sofrimento e a Metafísica dos Valores Niilistas: Deus Está Morto (?)

Raike Barone Costa Santos¹
Antônio Marcos Borges de Oliveira²
Roberto Sávio Rosa³

Resumo

O presente trabalho tem por finalidade apresentar a crítica do filósofo alemão Friedrich Nietzsche ao cristianismo, bem como suas bases morais e fundamentações. Buscamos apresentar conceitos importantes no pensamento do filósofo, tais como a sua concepção de vontade de poder, morte de Deus e o fim da metafísica, além de trabalhar o conceito de niilismo presente em seus escritos. Com isso, buscamos elucidar alguns conceitos que permanecem nublados no pensamento nietzschiano e demonstrar sua relevância para a filosofia contemporânea. Nietzsche é um dos

1 Graduado no curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC/BA), Ilhéus, Bahia, Brasil. Mestrando do Programa de Pós Graduação em Letras: Linguagens e Representações (PPGL/UESC) na linha A- Literatura e interfaces. Orcid: <https://orcid.org/0000-0009-0006-6331-0091>. E-mail: rbcsantos.ppgl@uesc.br

2 Discente do Curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC/BA), Ilhéus, Bahia, Brasil. Bolsista do Programa de Iniciação Científica UESC-PROPP-CNPq AF, com o projeto de pesquisa: Relação mente-corpo na Filosofia de Espinosa, em desenvolvimento. Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-2422-3271>. E-mail: amboliveira.flis@uesc.br

3 Professor do Departamento de Filosofia e Ciências Humanas (DFCH), da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC/BA), Ilhéus, Bahia, Brasil. Coordenador do Projeto de Pesquisa: Wilson Lins: o Demiurgo artesanal que entrelaçou Goethe, Nietzsche, Sertão e Cangaço. Cadastro PROPP número 073.6770.2020.0007700-15. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8441-9762>. E-mail: savio@uesc.br

pensadores mais emblemáticos da história da filosofia, sua obra é permeada por uma escrita poética, propondo uma profunda reflexão acerca da condição humana.

Palavras-chave: Cristianismo; Nietzsche; Niilismo; Sofrimento; Morte de Deus.

Abstract

The purpose of this work is to present the German philosopher Friedrich Nietzsche's criticism of Christianity, as well as his moral bases and foundations. We seek to present important concepts in the philosopher's thought, such as his conception of the will to power, death of God and the end of metaphysics, in addition to working on the concept of nihilism present in his writings. With this, we seek to elucidate some concepts that remain cloudy in Nietzsche's thought and demonstrate their relevance to contemporary philosophy. Nietzsche is one of the most emblematic thinkers in the history of philosophy, his work is permeated by poetic writing, proposing a profound reflection on the human condition.

KEYWORDS: Christianity; Nietzsche; Nihilism; Suffering; Death of God.

Introdução

Friedrich Nietzsche, um dos filósofos mais influentes do século XIX, deixou uma marca indelével no panorama da filosofia ocidental. Sua obra, profundamente reflexiva e muitas vezes controversa, abordou uma ampla gama de temas, mas talvez nenhum tenha sido tão central e perspicaz quanto sua crítica ao cristianismo. Neste trabalho, exploraremos as ideias e a visão singular de Nietzsche sobre a religião cristã, ressaltando sua importância no contexto da filosofia e da cultura.

Nietzsche nasceu em 1844, na pequena cidade de

Röcken, na Alemanha, e desde cedo demonstrou uma notável aptidão para a filosofia e a literatura. Suas obras, como *Assim Falou Zaratustra*, *Além do Bem e do Mal* e *Genealogia da Moral*, são marcadas por uma linguagem poética e filosofia perspicaz, que frequentemente desafiaram as crenças e valores tradicionais de sua época. Sua vida foi marcada por lutas pessoais, incluindo problemas de saúde e isolamento social, mas essas experiências moldaram sua abordagem única à filosofia.

Nietzsche tem no cristianismo uma força cultural e moral que mina a vitalidade e a criatividade humana. Ele argumenta que a religião cristã, com sua ênfase na compaixão, na humildade e na moralidade de rebanho, enfraquece o indivíduo e promove a mediocridade. Nietzsche cunhou a famosa expressão “a moral dos escravos” para descrever o sistema moral cristão, que ele acreditava ter surgido como uma reação dos fracos contra os fortes.

Neste trabalho, examinaremos alguns pontos da crítica de Nietzsche ao cristianismo, explorando conceitos-chave como a “moralidade do ressentimento” e o “niilismo”. Além disso, consideraremos como esse pensamento influenciou a visão do “Übermensch” ou “Super-homem”, um conceito central em sua filosofia.

À medida que avançamos nesta análise crítica da visão de Nietzsche sobre a tradição cristã, será importante entender como sua obra ressoa na contemporaneidade, visto que suas ideias continuam a desafiar e inspirar pensadores, filósofos e estudiosos. A influência duradoura de Nietzsche na filosofia e na cultura moderna é evidente, tornando-o uma figura de estudo indispensável para quem busca compreender as complexidades do pensamento humano e sua relação com sistemas de crenças e valores arraigados.

1. O Sofrimento e a Metafísica dos Valores Niilistas

Para Nietzsche, o cristão é um sofredor por natureza, que padece de suas desventuras de forma mais variada

possível e, conseqüentemente, ressentir-se da exuberância da vida, do esbanjamento e da vitalidade, uma vez que as coisas mundanas são vistas por ele como um “mal”. E, nesse contexto, o cristão justifica seu sofrimento através da criação de um Deus vingativo para, a partir dele, mascarar sua dor, concebendo as tribulações da vida como um castigo divino, a fim de redimi-lo e purificá-lo do pecado, além de capacitá-lo para melhor resistir à tentação do mal.

Um dos maiores sintomas de fraqueza é a ânsia de sofrer, na ilusão de se tornar melhor e mais perfeito. A negação de si leva o cristão ao desprezo do corpo e dos prazeres como modo mais fácil de evitar a dor, depositando sua confiança na salvação e vida eterna, chamando essa atitude de “virtude” (Santos, 2001).

Para Nietzsche, a característica decadente da moral cristã está no desejo de “beatitude eterna”, ou seja, suas virtudes visam como recompensa uma vida de perfeição e gozo além-mundo. Sua fé é ambiciosa, visa a utilidade na garantia dessa graça, produzindo um tipo de anestesia propiciadora de “bem-estar” aos adeptos. Nesse sentido, a fé cristã funciona como sedativo para os desanimados e os sofredores e que, por esse motivo, necessitam do amor e do perdão de Deus. Nietzsche refere-se a esse Deus como a divindade dos pobres, dos doentes e dos pecadores, cujos predicados eliminam a condição de uma vida plena. Santos assim salienta:

Segundo Nietzsche, os valores dessa concepção cristã têm uma dupla utilidade para os fracos e dependentes: servem para abrandar as misérias e preveni-los quanto às suas últimas conseqüências (niilismo); e constituem um valioso instrumento de luta contra os fortes. A energia, a impulsão que gera essa luta provém de um maligno ressentimento, pois a rebelião escrava da moral tem seu início efetivo “quando o próprio ressentimento se torna criador e gera valores”. Aí tem origem a formação do imenso contraste entre “moral do senhor” e “moral do escravo”. Uma afirmativa, nobre, e outra essencialmente decadente, fruto desse mesmo ressentimento envenenador (Santos, 2001, p. 31).

Na divisão entre “moral do senhor” e “moral do escravo”, além da acentuação das características, do enfraquecimento e do crescimento dos processos culturais da humanidade, Nietzsche nos fornece outras indicações no que diz respeito à natureza e meta da moral cristã. Ele toma como ponto de partida a disparidade dos conceitos de “bem” e “mal”, que nada são além de sinônimos para “nobre” e “desprezível”, caracterizando como bom tudo o que se refere ao estilo de vida dos nobres na antiguidade.

O filósofo conceitua a “moral dos escravos” como algo que repousa em um tipo de egoísmo mesquinho dos que nada tem. Ela não é capaz de nenhuma atitude enobrecedora, mas atenta sempre para algo que possa usurpar e, ainda mais, empobrecer. Tal egoísmo difere completamente das características de uma alma nobre, movida por uma justiça própria, “fundamentada na lei primordial do estado natural das coisas — na certeza de que, diante da nobreza de determinados seres, outros seres naturalmente se esforçam por reverenciá-los e até mesmo por eles sacrificarem-se” (Santos, 2001, p. 32).

Entretanto, o egoísmo, condenado pela visão altruísta, é um sintoma do empobrecimento do mundo, consequência do grande sofrimento que atinge todos os fracos. Isso porque, na relação entre “bem e mal”, o mal representa tudo o que causa medo, seja ele o mais forte, o dominador ou o vizinho; e o bem é tudo o que se mostra inofensivo, todo aquele que ajuda e ama os compassivos. Nesse contexto, o medo é considerado uma das forças mais potentes a serviço do egoísmo amesquinizador das virtudes cristãs, pois virtude é para os cristãos o que os torna tranquilos e mansos; com isso transformam o lobo em cão e o próprio humano no melhor animal doméstico do próprio humano (Nietzsche, 1999).

Na fé cristã, do ponto de vista genealógico, o medo se manifesta de formas variadas, está presente tanto na fé decadente como no rebanho e no escravo:

Segue-se daí a fraqueza dos decadentes diante da dor, pois já não a suportam mais; do escravo que teme a tudo e a todos os que o oprimem, ressentindo-se de seu senhor e temendo seu próprio temor; do rebanho que zela pela conservação da comunidade e pelo seu bem-estar geral, temendo qualquer comportamento exuberante de vitalidade que lhe represente uma ameaça externa. E, quando já nada mais o ameaça na exterioridade, o rebanho cuida para que nenhum agente interno se manifeste, pois todo critério de avaliação admitido nessa perspectiva tem sua meta definida. Embora a utilidade prevaleça nos juízos de valores morais, é nessa consciência de rebanho que o escravo é dominado em prol da preservação do Estado, da Igreja, da fé, da cultura etc. (Santos, 2001, p. 32 - 33).

Da perspectiva genealógica, os valores cristãos são calcados na decadência, o que reafirma sua tendência ao nada, ao niilismo. No primeiro momento, o cristianismo não segue uma orientação necessariamente niilista, mas ganha esse aspecto quando se associa à mediocridade, na qual deposita suas raízes e cultiva a decadência, o instinto de rebanho e a moral de escravos.

Segundo Nietzsche, decorre da moral de escravos algo inevitável: a necessidade de valores doentios, como consequência de causas que nada tem a ver com a razão. Mas são símbolos do declínio de uma inversão de parâmetros, caracterizada na institucionalização do cristianismo. Com o advento do Deus cristão, elemento detentor das forças originárias e da verdade, essa institucionalização se tornou um valor necessário e inevitável, ocorrendo o ganho da mesquinhez moral sobre a afirmação da vida. Aí está a crueldade histórica fornecida pelo cristianismo, o niilismo.

1.1 Niilismo e Vontade de Poder

O niilismo é um dos conceitos centrais da filosofia nietzschiana, podendo ser considerado um dos temas centrais da obra *Assim Falava Zaratustra*, e na compilação de aforismos em *Vontade de Poder*. Há um duplo sentido

na palavra “niilismo”, em sentido estrito, significa “niilismo europeu”. Trata-se de um estado de espírito da Europa às portas do século XX, ou seja, o sentimento de que nada tem sentido objetivo, significa que os valores, antes tidos como norteadores e supremos, desvalorizaram-se. Em sentido amplo, niilismo é o nome para a cultura geral, em especial a ocidental. A cultura ocidental baseia-se no estabelecimento de “valores supremos”, o bom e a verdade em si (Machado, 1997).

O niilismo significa, portanto, o nada como valor assumido. Para a filosofia nietzschiana, o problema ocorre porque, quando o mundo suprassensível perde seu valor e torna-se uma ficção, o mundo inferior também o perde. Quando a vida nesta terra deixa de ser considerada um teste, uma provação para alcançar a felicidade na vida após a morte e se torna uma existência transitória, o pouco valor que a vida tem acaba por desaparecer. Desta forma, o niilismo, ou seja, a concepção que o ente como um todo não tem sentido, a convicção de que nada faz sentido, é apenas a consequência de eras de desvalorização da realidade.

No sentido mais corrente, o niilismo não significa uma vontade, mas uma antirreação. Reage-se contra o mundo suprassensível e contra os valores superiores, negando-lhes qualquer existência, recusando qualquer validade. Não há mais desvalorização da vida em nome de valores superiores, e sim a desvalorização dos próprios valores superiores (Deleuze, 1976).

Nietzsche demonstra como o cristianismo, ao longo da história ocidental, contribuiu para a disseminação de valores niilistas, e como se dá a sua instauração a partir de três elementos: ressentimento, má consciência e ideal ascético (Santos, 2001). O ideal ascético esteve presente tanto na má consciência quanto no ressentimento, pois, é a partir desse ideal que o ressentimento é redirecionado, substituindo-o pela consciência. Não são tipos humanos diferentes que estão na base do ressentimento e da má consciência, mas é o mesmo tipo de “moral de escravos” que está presente em ambos.

Ainda, o niilismo é entendido como a história dos valores, não constituindo propriamente a causa do declínio, mas essencialmente a lógica que constitui esse movimento que lidera a humanidade a mais de dois mil anos (Giacoia, 1997).

É por meio da genealogia que Nietzsche visa esclarecer o sentido do processo niilista, que ele designa como “história efetiva”. Uma história escrita continuamente sem causa final, sem Deus, sem recompensa após a morte, mas somente o movimento de devir histórico. Nietzsche compreende a história como algo além das especulações teológicas, apenas como um desenvolvimento no jogo da dominação, em meio a um embate entre forças que lutam entre si e reagem contra seu próprio enfraquecimento, sem conceber nenhuma verdade única ou valores metafísicos. Ele cogita introduzir o devir em tudo o que é tido como lei imutável e paradigma da história teológica.

Nietzsche desenvolve sua crítica à moral cristã na perspectiva dos valores, entendendo-a como sistemas de engendramento de valores movido pelo que é a Vontade de Poder. Nessa perspectiva, o Poder consiste na integridade da Vontade a si mesma, na afirmação múltipla e pluralista, fonte de criação de novas possibilidades. A Vontade de Poder, para Nietzsche, deve ser entendida como um princípio dinâmico fundamental, ou seja, uma tendência ao desenvolvimento, à expansão e à articulação que nunca pode parar e que se encontra no mundo natural, quer no âmbito orgânico, quer no âmbito inorgânico, ou ainda, pode caracterizar um jogo de forças:

A vontade de poder para Nietzsche consiste num “mar de forças”, num “jogo de forças”, num confronto de impulsos em jogo, em configurações sempre novas. A imagem do caleidoscópio também nos aproxima da noção de Vontade de Poder. Não é uma substância, um substrato que traz embaixo um jogo de forças. Não é possível dissociar as forças da vontade de poder; ela é o jogo total de forças, não um substrato que preexiste; é a efetivação de forças (Santos, 2001, p. 36).

É justamente na manifestação da vontade de poder que são estabelecidos todos os valores, e é a partir dela que se originam os preconceitos morais que levam à culpa e à má consciência. É através desta noção de vontade de poder, dessa flutuação de forças, que Nietzsche encontra o fio condutor de suas investigações. Esses valores estão impressos nas relações mais primitivas que se dão entre credor e devedor, na justiça, no castigo, na consciência. Isso porque a vontade de poder pode se manifestar tanto na vontade do senhor como na do escravo (Nietzsche, 1998).

O Deus cristão, Uno e Onipotente, está na base da moral religiosa, cultivando a culpa, a condenação e o ressentimento, elevando a alma para além das coisas mundanas e desprezando o corpo, substituindo o prazer pela intensificação da dor, a justiça pela vingança, as virtudes pela mediocridade. A postulação de uma divindade que garante a existência de um mundo “ideal” em oposição à terra tem sido a “maldição sobre a realidade”, e através dela a humanidade tornou-se mendaz e falsa até os seus instintos mais básicos, a ponto de assimilar valores inversos aos únicos que garantiriam seu florescimento e ao direito ao futuro.

Nietzsche afirma que a vontade de poder gerou os valores morais, como se esse tremendo fluxo de forças pudesse gerar manifestações tão reativas no seio da própria vida. Ele tem em vista equacionar essa indagação assinalando três forças propulsoras dos valores morais: instinto de rebanho, instinto de sofrimento e instinto de mediocridade, em oposição aos impulsos nobres e extraordinários (Santos, 2001).

Mesmo a moralidade dos costumes, responsável pela dominação do ser humano, é viabilizada através desse instinto gregário, que faz com que se torne perigoso e imoral tudo aquilo que abala ou foge do modelo. Esta tendência estabelece valores imutáveis e coloca como padrão a sua própria mediocridade, de modo a edificar uma moral estática e normalizadora, para que toda a condição da existência seja suprimida através do julgamento

moral. E no que concerne às práticas das virtudes da benevolência, compaixão e modéstia, os animais de rebanho não diferem entre si, pois essas virtudes praticadas mesquinhamente não lhe atribuem nenhuma autenticidade, antes excluem-lhe toda a individualidade.

Com efeito, a noção de rebanho associa-se ao processo de decadência, já que não é em si o sujeito do enfraquecimento, mas se contamina pela decadência ao criar para si metas que vão além da humanidade do indivíduo. Todos os doentes buscam instintivamente organizar-se em rebanho (Nietzsche, 1998).

A vontade de poder que deu lugar a configurações reativas, como as da moral cristã também geram relações de poder fortes. É necessário compreender que a análise nietzschiana da moral, da religião e da cultura ocidental está presente no crivo da vontade de potência, ou da vida, noções que equivalem em supl.Q a filosofia. É importante aprofundar o sentido mais amplo dessa noção de vontade de poder que permite avaliar vários produtos da cultura. Nietzsche pretende, para além do pensamento metafísico, que sustentou a presença de um substrato, um princípio que seja inteligível, um fundamento do mundo. Ele pretende detectar a forma imanente e fluida do “devir” (Santos, 2001). Porém, seu pensamento parece ser demasiado auspicioso, pois, como é possível conceber a realidade sem vinculá-la a uma “essência” metafísica?

Nietzsche considera a vontade de potência não como um substrato, ou essência da realidade, mas como o próprio jogo de aparência das coisas, da dinâmica, do confronto de poderes que perfaz o mundo. A vontade de poder, um mar de forças em constante contradição, em permanente confronto, ela exprime uma unidade plural de forças que configuram o jogo do mundo (Barrenechea, 2000).

Todas as configurações de forças, desde as ativas, do aristocrata, do forte, do nobre, até as reativas do sacerdote e do fraco, provêm do mesmo devir da vontade de poder. Não existia uma dicotomia de princípios explicativos;

o embate, ou seja, a ação e a reação dependem das configurações de forças. Desta forma, o fato de uma das partes ser fraca e a outra forte não tem origem em um destino metafísico ou teológico, mas da contingência do encontro de forças. Assim, o fraco, mesmo sendo obediente, sempre tende a vencer e dominar o outro mais fraco. “Onde encontrei seres vivos, encontrei vontade de poder; e ainda na vontade do servente encontrei a vontade de ser senhor” (Nietzsche, 2011, p. 100).

1.2 Castigo e Má Consciência

O instinto de rebanho não é propriamente uma criação do cristianismo, ele ocorre de forma biológica e fisiológica⁴. Todavia, ele foi valorizado na doutrina cristã através da proclamação da “igualdade perante Deus”. Com efeito, o cristianismo obteve êxito global através da propagação de ideias extremamente úteis à moralidade dos costumes, visto que a moral cristã teve por objetivo a utilidade gregária, caracterizada pelo enfraquecimento, pelo sentimento depressivo de medo, que aciona o processo de decadência. Nesse processo, segundo Nietzsche, desenvolvem-se a má consciência e a culpa.

A análise dos conceitos fundamentais originários que deram início ao processo civilizatório deixa perceptível, através do conceito de consciência, isto é, enquanto instrumento de distinção moral e faculdade de distinguir ações morais, uma necessidade do homem de criar para si uma memória através da instrumentalização da dor. Quando essa necessidade aparece, desenvolvem-se diversos mecanismos de crueldade, pois, de fato, todas as religiões são, em seu âmago, sistemas de crueldade (Nietzsche, 1998).

⁴ Os seres humanos, no decorrer da história, sempre tiveram a tendência de se juntar em grupos, podemos ver isso na nossa origem com os humanos pré-históricos e no nosso modo de organização atual por meio das grandes sociedades.

É interessante destacar que, no paganismo, o método de culto era o sacrifício, o qual se realizava com grande respeito e veneração. Sobre isso Santos afirma:

Nos cultos greco-romanos, o termo “sacrifício” implicava sempre um festim. Tanto assim que os sacrifícios eram seguidos por uma refeição, em que se comia a vítima imolada depois de cozê-la no altar. Aos participantes e espectadores se oferecia a vítima, e aos deuses, a fumaça. A vítima, o templo e o sacrifício compunham um único ritual movido pelo que constituía uma lei do sacrifício (Santos, 2001, p. 41).

Enquanto se fortalece a memória, mais brandas se tornam as leis e os sistemas penais, e mais regrados se tornam os convívios sociais e religiosos. Assim, os sacrifícios comuns na Idade Média, e ainda na Idade Moderna, serviram para fixar na memória alguns aspectos da vontade, para instituir a razão soberana em função dos afetos sob o mecanismo da dor. Sendo assim, todo o poder, que na ocasião do suplício era exercido sobre o corpo, tinha a finalidade de suscitar outro aspecto do caráter dominador, que não implicava no corpo em si, mas na alma.

Com efeito, todas as pressões e torturas que os humanos irrefletidamente sofreram para controlarem-se, para gerir uma memória, resultaram na supressão dos impulsos, os instintos se voltaram para dentro. A alma decorre de uma brutal interiorização do homem, de modo que todos os instintos que não se exteriorizam se voltam para dentro, isso pode ser denominado de “interiorização do homem”, é assim que no homem cresce aquilo que será chamado de “alma”, todo o mundo interior foi se expandindo e se estendendo, ganhando profundidade, altura e largura, na medida que o homem foi inibindo sua descarga para fora (Nietzsche, 1998).

A alma, no pensamento de Nietzsche, é entendida sobre um prisma genealógico, ela apresenta uma realidade histórica divergente da visão do cristianismo. A alma não nasce culpada e merecedora de castigo, tampouco

é uma ilusão religiosa. Ela existe enquanto realidade produzida no interior da existência humana, não é uma substância, mas um lugar, um elemento aprisionador do corpo sobre o qual se construíram sistemas de valoração moral, de modo que os sofrimentos e os suplícios só são apaziguados quando também o domínio sobre o corpo e suas potencialidades e instintos se enfraquece e se normaliza.

Por esse motivo, Nietzsche condena o entendimento que concebe a origem do “sentimento de justiça” na lógica segundo a qual o acusado poderia ter agido de outra maneira. Outrora, o castigo ao devedor não era exercido por equivalência entre o devedor e o seu ato, mas por uma compensação, uma satisfação própria dos credores em infligir dor aos devedores. A justiça, nesse entendimento, não passava de uma concordância entre os poderosos, um direito dos senhores.

Nietzsche refere-se ao pensamento grego de justiça como o fundamento de uma ordem política, como a força de um ordenamento social que visa desvelar a dinâmica criadora das diferenças e dos intercâmbios sociais, diferente do nosso entendimento de uma experiência jurídica que faz do direito um compêndio de decisões morais do comando do Estado, que estabelece o que deve ser obedecido (Santos, 2001).

Foi a partir desse desdobramento jurídico que desenvolveu a passividade moral em detrimento do poder ativo dos senhores, criando um ressentimento que passou a vigorar e criar valores, sacralizando a justiça sob o aspecto da vingança e dando ao castigo sua finalidade mais popular, a de incitar, por meio de um compromisso material, desde as relações mais primitivas entre credor e devedor, que se intensificaram com as relações predatórias das navegações e do comércio, até produzir o sentimento de culpa, a má consciência. Assim, Nietzsche considera a má consciência o sentimento de dívida moral que surge da noção de dívida econômica.

O castigo passou a ser administrado como punição ao devedor como meio de fixação na memória, intensi-

ficando o medo e sublimando o sofrimento do corpo e da alma, ou seja, o castigo tornou-se em instrumento de domesticação do ser humano. Com efeito, foi durante a institucionalização do castigo enquanto projeto educacional, com vigência circunscrita aos limites de abrangência da religiosidade, elaborado e comandado pela Igreja cristã, que este tomou as rédeas dos costumes, domando o homem e seus instintos. A partir daí, o sentido de castigo se transformou radicalmente, ele passou a implicar em uma moral de culpa. A institucionalização da razão, das paixões e a normalização da cultura religiosa, viabilizada por leis que administravam e nivelavam o castigo, acovardaram o homem, tornando-o inimigo de seus próprios instintos. Vítima da má consciência, tornou-se ressentido, pregador da morte e desprezador do corpo.

Invertendo o sentido da dor e do castigo que, de excitações comuns e cotidianas, transformaram-se em sentimentos cruéis para com a vida, o cristianismo declarou a morte aos povos. Sendo assim, Nietzsche reconhece a má consciência como instrumento tiranizador dos costumes humanos. Esse instrumento, resultado do aniquilamento dos instintos humanos, alastra-se como um parasita da razão, visando o desprezo do corpo e o regozijo da alma, deturpando a identidade dos povos e caluniando toda diversidade e mudança em nome da passividade sacerdotal.

A má consciência, enquanto interiorização dos instintos, teve que ser instaurada de forma violenta, transformando radicalmente as condições do “bicho homem”, criando uma “alma animal” voltada contra si mesma (Nietzsche, 1998).

Ao pregar a crença na vida futura, transverteu-se o sentido do castigo, a guerra e o acaso em explicação para a culpa que deturpa e suprime o sentido da vida terrena. O cristianismo utilizou-se do castigo como vingança, para restringir o homem a sua consciência e estabelecer uma dívida impagável perante Deus, o credor onipotente, que a todos vigia e ameaça. Interpretações errôneas acerca dos instintos macularam-nos, e toda a humanidade pas-

sou a estar em dívida com Deus, o sacrifício de seu filho por amor à humanidade estabeleceu um grande débito entre o humano e o divino.

O cristianismo, enquanto forma de geração constante de novos sofrimentos, faz com que o rebanho sofra não apenas de suas fraquezas, mas das dores do sentimento de culpa. Esse sentimento tem origem na noção material da dívida que repousa na relação entre credor e devedor. Para Nietzsche, essa comoção transformou-se em culpa graças à interpretação moral dos padres ascéticos, pois esse sentimento é em si mesmo amoral (Santos, 2001).

A má consciência aparece como um constrangimento que impede a liberação dos instintos inerentes à raça humana. Com efeito, os instintos de crueldade, impedidos de exteriorizar-se, voltam-se para dentro, por conseguinte, acarretam uma mutação perigosa: a interiorização do homem, a agressão a si fundamentada na condição de devedor, no enfraquecimento de seu caráter perante Deus.

2. Deus está morto (?)

A base da crítica Nietzscheana à estrutura religiosa vem da percepção de que seu sistema depende da negação da vida terrena. Desta estrutura nasce uma cisão da realidade em um mundo material e outro suprassensível, onde Deus é a peça principal. Por esse motivo, a morte de Deus é um evento necessário para pôr fim ao mundo metafísico do cristianismo. Retirando a divindade do pilar principal que sustenta o mundo, a sua morte representa o esfacelamento de toda a estrutura. Desta forma, toda a concepção dualista forjada pela religião cristã e sua ideia de Deus como sustentáculo da realidade vem abaixo. A morte de Deus é o universo perdendo seu centro e se fragmentando.

O evento significa mais do que simplesmente fazer guerra ao Deus cristão, é colocar fim a tudo o que está atrelado a ele. Por meio dessa concepção, Nietzsche ataca

a artéria central do cristianismo e consegue pôr fim à visão metafísica do mundo dual, no qual enxergava todo malefício para o ser humano. Sendo assim, é na concepção do colapso do mundo metafísico dual que a morte de Deus deve ser entendida:

Nesta perspectiva, a Morte de Deus pode ser considerada expressão final de um movimento presente na história do pensamento conhecido como metafísica. De maneira simplificada, a Morte de Deus é uma sentença crepuscular de um movimento que levado ao seu limite chegou ao fim. Morte de Deus é a morte da metafísica (Grunewald, 2016, p. 282).

A morte de Deus não deve ser interpretada como ateísmo, caso contrário Nietzsche só estaria reafirmando a estrutura metafísica. Entender esse fenômeno enquanto confirmação da não existência divina ainda é pressupor o absoluto. Teísmo como a expressão da existência de Deus e ateísmo como a expressão da não existência são duas faces da mesma visão de mundo (Alves, 1972).

Uma vez que o filósofo deseja se livrar do conceito do divino como fundamento da realidade, mas que se encontra fora dela, seu pensamento sobre a morte de Deus não pode ser entendido de outro modo senão pela perspectiva do fim da metafísica. Ele deseja eliminar a concepção dual da realidade, por esse motivo investe contra o Deus cristão, mas o evento pode ser visto de forma muito mais ampla, como o fim de uma significação da realidade que é nociva à vida. Com efeito, a proposta de Nietzsche é a promoção de uma visão da realidade que afirme a vida em contraposição ao modelo metafísico, e é só por meio da morte de Deus que o filósofo pode alcançar seu objetivo.

O evento não é meramente uma expressão metafórica ou uma declaração do ateísmo de Nietzsche. Ele condiciona um pressuposto histórico que motiva as reflexões críticas de toda a sua filosofia. É o diagnóstico da ausência total da divindade no pensamento e nos hábitos do

Ocidente moderno. É, por assim dizer, a constatação do maior acontecimento recente: a desvalorização dos valores supremos (Machado, 1997). É no pensamento nietzschiano da morte de Deus que surge o diagnóstico do futuro do Ocidente, que conduz a Europa ao esgotamento, à falta de sentido e fundamento.

O conceito nietzschiano de niilismo é relativo ao cristianismo, portanto, a história ocidental, em seu movimento decadente, orientou o curso da religião, da moral e da metafísica. Por esse motivo, o advento mais importante da história desse niilismo é a morte de Deus, culminando na desmistificação da fé cristã.

Nietzsche anuncia sua famosa sentença “Deus está Morto” na obra *A Gaia Ciência* e posteriormente em *Assim Falava Zaratustra*. Essa afirmação refere-se ao Deus cristão, à metafísica e ao idealismo, que caiu em descrédito, um Deus que moveu a história ocidental, propagando sua vontade através do ascetismo sacerdotal, que acentuou o processo niilista em suas diferentes formas. Essa divindade que rejeita o plano terreno trouxe as expectativas da humanidade para uma recompensa suprassensível, um universo transcendente, que se tornou o centro de todas as atividades humanas. Uma vez que esse mundo cai em descrédito e Deus desaparece, a humanidade fica sem apoio, sem metas e sem rumo. “Essa necrológica significa o esvaziamento das expectativas escatológicas surgidas com o platonismo e com o judaísmo e o cristianismo” (Santos, 2001, p. 61).

Como já foi dito, Nietzsche propõe a ideia da morte de Deus, inicialmente, em *A Gaia Ciência*, na boca de um louco apresentado, no aforismo 125. Ele acende uma lanterna no meio da praça da cidade, em plena luz do dia, e grita: “Procuro Deus! Procuro Deus!”; como ali havia muitos dos que não acreditavam em Deus, sua ação provocou risos. “Ele se perdeu?” Gritou um, “Ele está perdido como uma criança?”, gritavam e riam todos. Porém, o louco saltou no meio deles e transpassou-os com o olhar, dizendo:

Para onde foi Deus? – exclamou- eu é que vou lhes dizer: nós o matamos, vocês e eu, nós somos seus assassinos! Mas como fizemos isso? Como podemos esvaziar o mar? Quem nos deu uma esponja para apagar o horizonte? Que fizemos quando desprendemos esta terra da corrente que a liga ao sol? Para onde vai agora? Para onde vamos nós? Longe de todos os sóis? Estamos incessantemente caindo? Para adiante, para trás, par o lado, para todos os lados, haverá inda um em cima e um em baixo? (...) Deus morreu, Deus continua morto, e fomos nós que o matamos. Como havemos de consolarmo-nos? Nós, assassinos entre os assassinos. O que o mundo possuía de mais sagrado e de mais poderoso até hoje sangrou sob nosso punhal – quem nos lavará desse sangue? (Nietzsche, 2006, p. 125).

O louco irá refletir sobre a magnitude impressionante deste evento. Ele, enquanto arauto da necrologia divina, percebe que, após essa constatação, muitos desabamentos e cataclismas acontecerão. Todavia, a humanidade ainda não é capaz de perceber a ruptura com aquilo que deu fundamento a todos os seus valores. O homem sem a divindade fica sem chão, tudo perde seu sentido, não existe mais horizonte, todos os parâmetros periclitaram. Porém, a notícia da morte de Deus é ainda prematura, a humanidade ainda não é capaz de lidar com os efeitos de tamanha perda.

Esse evento é a constatação de que a fé cristã deixou de ter sentido, é a evidência que a fé, que servia de base para a moral do cristianismo, encontra-se minada, e a consciência de que o princípio que permitiu ao homem ocidental fundar suas bases desapareceu. A morte de Deus é o fato de que o mundo metafísico e supersensível foi desvalorizado, perdeu seu poder eficiente. Afirmar a sentença “Deus Morreu” é, ao mesmo tempo, admitir que os humanos o mataram.

Aos culpados (assassinos) da “morte de Deus” é atribuída uma tradição, sem que dela se assegure ou tenha consciência. A destruição da tradição judeu-cristã terá muitas consequências ainda, mas foi o homem o

responsável por esse aniquilamento suicida. O homem mesmo padecerá a carência de referencial divino; o vácuo do sem sentido, a espreita do nada fará do homem a vítima e o culpado, de forma simultânea (Santos, 2001, p. 64).

Sendo assim, podemos observar que a tradição cristã gerou o ateísmo, ou seja, concluiu o assassinato de Deus dentro da mente do ser humano. O modelo de divindade propagada pelo cristianismo foi, por vários séculos, o modelo e o sentido do mundo. Como consequência de sua morte, o mundo e o homem ficaram desprovidos de significado.

Nietzsche compreendeu que a crítica à modernidade remonta ao nascimento da metafísica e do cristianismo e sua superação, e não ao positivismo moderno (MACHADO, 1997). Outrossim, o niilismo, anunciado pela fórmula da morte de Deus, não é o início de um processo, mas uma metamorfose de uma ruptura, no sentido de que o evento provém de algo ainda mais fundamental: o nascimento de Deus. A partir daí, faz-se necessário, para entender a morte de Deus, levar em consideração seu nascimento e origem, além de pensar o niilismo, entendido enquanto desvalorização dos valores, para cogitá-lo enquanto desvalorização da vida em detrimento de valores supremos.

2.1 Super-Homem e Moral Cristã

Nietzsche trata o niilismo como um processo ligado à desvalorização de todos os valores. Não o pensa apenas em relação aos valores antigos, mas como uma transição para uma reavaliação que deve ser realizada desde o princípio de toda a avaliação (Santos, 2001). Deste modo, é dentro, e não fora, da lógica do niilismo e nas etapas de transição entre as modalidades de niilismo (negativo, relativo e ativo) que devem ser revisados todos os valores.

O pensamento reavaliado tem sua base na vontade de poder. Ele é seu objeto de crítica e superação, traçan-

do historicamente um curso temporal, mas que ainda está sujeito à ambiguidade, visto que ele não é propriamente a causa da decadência dos valores, ele é sua lógica intrínseca. Nietzsche encontra sua causa na moralidade dos valores e nas ideias ascéticas de verdade, bondade, pobreza, fraqueza e em todos os valores universais da moral cristã.

A morte de Deus reclama a superação do cristão no sentido ascético ao qual ele foi concebido. Heidegger (2000) nomeia esse pensamento de niilismo clássico, o que implica na derrocada de toda a ordem antiga, referindo-se ao tempo em que o cristianismo perde toda a sua consistência. Esse momento é decisivo para o futuro da humanidade, pois pavimenta o cenário para o nascimento do Super-homem, aquele que superará as oposições terrestres do sensível e espiritual, do corpo e da alma e vai além da concepção religiosa de além-mundo, voltando-se para a vida terrena. Nesse sentido, o Super-homem é a superação do humano antigo e de suas crenças decadentes.

A noção de Super-homem é uma das mais controversas no pensamento nietzschiano. Nietzsche percebeu que essa imagem poderia suscitar decorrências interpretativas condicionadas à subjetividade receptiva e deturpações, a tal ponto de perder totalmente o seu sentido originário, se for contextualizada de um ponto de vista distante de sua filosofia. Assim, a figura do Super-homem poderia, por exemplo, ser associada a uma concepção evolucionista, de forma como foi entendido Darwin. O filósofo recusa tal hipótese, ele também questiona a visão do Super-homem como uma espécie de elevação espiritual, ou uma espécie de “santo” ou “herói”. No *Ecce Homo* ele apresenta sua recusa a deturpação dessa figura:

A palavra “super-homem”, para designação de um tipo que vingou superiormente, em oposição a homens “modernos”, a homens “bons”, a cristãos e outros niilistas — palavra que na boca de um Zaratustra, o aniquilador da moral, dá o que pensar — foi entendida em quase toda parte, com total inocência, no sentido daqueles valores cuja antítese foi manifesta na fi-

gura de Zaratustra: quer dizer, como tipo “idealista” de uma mais alta espécie de homem, meio “santo”, meio “gênio”... Uma outra raça de gado erudito acusou-me por isso de darwinismo. Reconheceu-se nisso até mesmo o “culto do herói”, por mim tão desdenhosamente rejeitado (Nietzsche, 1995, p. 59).

A figura do Super-homem nada tem a ver com darwinismo, evolucionismo, idealismo, louvor ao herói ou qualquer outro tipo de apropriação. O Super-homem é aquele que, após a derrocada dos ídolos, pode se manter fiel à terra e pode afirmar a vida em todo o seu potencial, com todos os seus reveses e alegrias, para além da dor e múltiplas precariedades da vida. Ele é o criador de valores, é o afirmador da existência e de sua totalidade, em todas as nuances, e faz da fórmula *amor fati*⁵ a sua lei (Santos, 2001). Todos os aspectos da existência devem ser afirmados e experienciados, não existe nenhuma transformação que deva ser rejeitada. Esta fidelidade ao devir permite-lhe criar continuamente novos valores. Ele acolhe a vida como ela é, sem rejeitar nada, sem desvalorizar nada.

Visto isso, faz-se necessário retomarmos a discussão sobre a morte de Deus e os aspectos do niilismo na filosofia de Nietzsche.

Deleuze (1976) alude a morte de Deus como a segunda parte do processo nietzschiano de niilismo, também chamado de niilismo reativo, é quando o ser humano assassina Deus e o substitui pela valorização do “nada”. Na concepção deleuziana, o niilismo está dividido em três etapas: a da consciência judaico-cristã, chamada de niilismo negativo; a da consciência europeia, o niilismo reativo; e a consciência budista, chamada de niilismo passivo. A primeira refere-se ao fundamento do cristianismo e à concepção paulina da morte de Deus na pessoa de seu filho Jesus, e o sentimento de ressentimento e vingança. Esse é o momento de criação e instauração dos valores cristãos

⁵ Amor ao Destino.

através do ensinamento sacerdotal. A segunda etapa é marcada pela efetiva Morte de Deus, o niilismo reativo é o evento anunciado pelo louco, quando a humanidade mata Deus e coloca outra coisa em seu lugar.

O terceiro momento, o niilismo passivo, resulta do total esgotamento das forças, representada pela consciência budista da passividade e extinção. Acontece quando o homem não tem mais forças, e não esboça mais nenhum sinal de reação, é quando ele já se encontra esgotado. Nesse momento, o niilismo encontra um patamar ao qual a decadência é doce e submissa. O processo de decadência que advém do niilismo conduz o ser humano para uma recessão de poder do espírito, todavia, em outro sentido, também pode vir a aumentar o poder do espírito. Essa ambiguidade vem da incompletude do momento niilista em que vivemos (Santos, 2001).

O niilismo completo é aquele que diz respeito à consciência budista. Segundo Nietzsche, o budismo é uma religião para o termo do cansaço da civilização, é a consequência necessária para todos os ideais nutridos da própria falta de plenitude do niilismo incompleto, que se caracteriza por intensificar suas forças ao máximo, estabelecendo uma verdade que define e determina a realidade.

Para Nietzsche, a contemporaneidade vive o tempo da incompletude. Não se trata do cristianismo apenas como um fenômeno religioso, mas de um acontecimento histórico, político e moral decorrente das três potências básicas, as quais já tratamos, que perfazem oposição: entre o instinto de rebanho (escravos), contra os fortes e independentes (senhores). Esse embate foi fomentado através dos artefatos de poder da Igreja e do ensinamento sacerdotal na configuração da cultura moderna ao longo da história ocidental.

O niilismo reside fundamentalmente no conceito de moral cristã. Desta forma, o falso progresso, o abrandamento da autoridade da Igreja e o enfraquecimento das regras tomam lugar no império da razão, fazendo vigorar a consciência científica como forma de verdade.

Sendo assim, tomando a humanidade em sua totalidade, Nietzsche pressupõe que a humanidade não evolui senão em direção à sua degeneração. A sua decadência reside em alguns aspectos: na tendência dos próprios cristãos a um esgotamento que repousa na moral sacerdotal, e que tem o suprassensível como valor supremo, levando ao desprezo da vontade própria e dos instintos humanos; ou repousa, ainda, naquele aspecto que aspira a um estado anestésico, como modo de se livrar do sofrimento, ocasionando um forte ressentimento para com a vida.

Esse processo niilista que Nietzsche apresenta como indissociável do cristianismo, visando questionar os valores cristãos, que, segundo ele, ocupam os últimos lugares como representantes dos sistemas religiosos, metafísicos e morais que eles descendem. Nessa conjuntura, o tema da Morte de Deus representa o momento em que se intensifica a tomada de consciência do caráter decadente da tradição ocidental e, nesse contexto, do cristianismo e de toda a moral tradicional com seus valores. Segundo Nietzsche, o erro dessa história reside na pretensão da tradição de determinar um mundo verdadeiro, a partir do qual se compreende a existência. Esse “mundo verdadeiro” é apenas uma “fábula” que iludiu a humanidade, que a levou a cultivar fantasias escatológicas. Uma vez que esse “erro” evidenciou a sua inconsistência, o homem ficou sem chão, sem alvo, sem sentido (Santos, 2001, p. 72).

O pensamento nietzschiano sobre a morte de Deus só pode ser observado à luz da vontade de poder, posto que a história só se desenrola à luz dessa vontade que rege toda a possibilidade de avaliação. Desta forma, esse é um evento que faz parte da existência humana que, mesmo subjetivamente, deseja um Deus. A constatação de tal evento ainda não é o suficiente para pôr fim ao querer niilista, para isso é necessário desejar essa morte.

Resta que o niilismo garanta sua completude com a anulação e o domínio de qualquer valor sensível. A superação do caráter niilista da história só se dará, então, não com a substituição, mas com a absoluta subversão que

aponta uma nova dimensão dessa vontade que quer a si mesma, através de uma radical transvaloração de todos os valores (Machado, 1997).

A radicalidade da morte de Deus, levada as suas últimas consequências e absorvida em toda a sua plenitude, chega ao profundo esgotamento dos valores antigos e abre o horizonte para um novo ideal que se opõe a toda a tradição Ocidental. Nietzsche anuncia que a morte de Deus abre portas para novas oportunidades:

O mais importante dos acontecimentos recentes - o fato de que - "Deus está morto", o fato de que a crença no Deus cristão se tornou impossível - começa já a se projetar sobre a Europa suas primeiras sombras. Pelo menos para o pequeno número daqueles cujo olhar e a desconfiança do olhar são bastante aguçados e sutis a esse espetáculo, um sol parece ter-se posto, uma velha e profunda confiança se ter transformado em dúvida: nosso velho mundo deve lhes parecer todos os dias mais crepuscular, mais suspeito, mais estranho, mais velho. Para o essencial, porém o acontecimento é demasiado grande, distante, afastado da compreensão da maioria para que se possa dizer que a notícia chegou, e muito menos ainda a maioria tenha compreendido o que realmente ocorreu - tudo vai desmoronar, agora que a fé foi enterrada, tudo o que foi construído em cima, tudo o que se apoiava nela e tudo o que nela crescia: por exemplo, toda a moral europeia (Nietzsche. 2006, p. 205-206).

Podemos observar que a citação acima demonstra que Nietzsche enxerga, para além do niilismo, a possibilidade de novos rumos criativos para a humanidade. Ele apresenta um contraponto para a demolição dos valores estabelecidos através da fé, ele afirma a vida em toda a sua totalidade, sem ressentimento e sem rejeitar nada. Esse contra ideal sugerido por aquele personagem vindouro que Nietzsche apresenta em *Assim Falou Zaratustra*, mas como o um pressentimento que se oferece, e não como uma verdade indubitável, uma sombra que a cada vez se enche mais de realidade e consciência: O Super-homem,

aquele designado para viver as benesses de uma realidade futura, determinada pela vontade de poder. Esse Super-homem, o criador de valores, afirmador do amor fati, não recusa, não despreza a terra, mas lhe dá sentido.

Considerações Finais

O presente trabalho teve por finalidade apresentar a crítica de Nietzsche ao cristianismo. Nesse propósito, optamos por traçar um caminho linear desde o pensamento do filósofo, ao abordar questões marcantes no pensamento nietzschiano, como o niilismo, vontade de poder e a morte de Deus.

Com efeito, devemos observar a crítica do filósofo ao cristianismo sob a ótica da vontade de poder, que provém de uma intensidade de força que tem por finalidade se sobrepôr à decadência de valores, sobretudo aqueles que foram instituídos como absolutos há mais de dois milênios de cultura ocidental. A partir desta crítica, pode-se reavaliar os valores cristãos que moldaram o curso do universo ocidental, trazendo uma nova perspectiva, procurando resgatá-los em sua essência, através de uma releitura atenta das bases nas quais se fundamentam.

Por esse motivo, é necessário que a metafísica tivesse fim por meio da Morte de Deus. Com esse evento, todos os sentidos e valores estabelecidos pela moral cristã vieram a colapsar, levando o ser humano a não ver mais sentido na vida e na realidade, ou seja, ao niilismo. Como apresentamos em nosso texto, a decadência da tradição cristã e a morte de Deus não determinam que o fim da história humana está vaticinado no niilismo, antes esse evento abre as portas para outra perspectiva. Importou aqui somente indicar as fechaduras, trameças e maçanetas, jamais o desdobramento dos traçados disponibilizados pela abertura.

Referências

ALVES, Rubem. **Deus Morreu – Viva Deus! In: Liberdade e Fé.** Rio de Janeiro: Editora Tempo e Esperança, 1972.

AZEREDO, Dutra Vânia. **Nietzsche e a Dissolução da Moral,** São Paulo: UNIJUI, 2000.

BARRENECHEA, Miguel Angel. **Nietzsche e a Liberdade.** Rio de Janeiro: 7 letras, 2000.

BITTENCOURT, Renato Nunes. O problema do Crucificado na crítica de Nietzsche ao Cristianismo. **TRÁGICA: Estudos de Filosofia da Imanência**, v. 1, n. 1, 2008. Disponível em: <https://scholar.archive.org/work/dgknnrdrtzbfjpn7nqktqezwrq/access/wayback/http://tragica.org/artigos/01/08-renato.pdf>. Acesso em 22/04/2024,

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a Filosofia.** Rio de Janeiro: Rio, 1976.

GIACOIA, Osvaldo. **Labirintos da Alma.** São Paulo: UNICAMP, 1997.

GRUNEWALD, Aline. A Morte de Deus em Assim Falou Zaratustra. **Último Andar**, n. 28, p. 275-287, 2016. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/ultimoandar/article/view/29797>. Acesso em 22/04/2024.

HEIDEGGER Martin. **Nietzsche. Metafísica e Niilismo.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

MACHADO Roberto. **Zaratustra-Tragédia Nietzscheana.** Rio de Janeiro: Zahar, 1997

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência.** Lisboa: G. Editores, 2006.

_____. **Assim Falou Zaratustra.** (Trad. Mário da Silva.) Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

_____. **Ecce-Homo.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995

_____. **Genealogia da Moral**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. **O Anticristo**. São Paulo: Lusosofia, 1997.

_____. **Assim Falou Zaratustra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. **A vontade de poder**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008

NOVAES, James Fábio. Nietzsche: uma crítica ao Cristianismo. **Pergaminho**, n. 2, p. 26-35, 2011. Disponível em: <https://revistas.unipam.edu.br/index.php/pergaminho/article/view/4425>. Acesso em: 22/04/2024

SANTOS, José Alves. **Cristianismo e Niilismo em Nietzsche**. 2001. 82 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação STRICTO SENSU em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia-GO. Disponível em: <https://tede2.puc-goias.edu.br/handle/tede/3860>. Acesso em 22/04/2024.

Sobre o autor:

Raike Barone Costa Santos

Graduado no curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC/BA), Ilhéus, Bahia, Brasil. Mestrando do Programa de Pós Graduação em Letras: Linguagens e Representações (PPGL/UESC) na linha A - Literatura e interfaces.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0009-0006-6331-0091>.

E-mail: rbcasantos.ppgl@uesc.br

Antônio Marcos Borges de Oliveira

Discente do Curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC/BA), Ilhéus, Bahia, Brasil. Bolsista do Programa de Iniciação Científica UESC-PRO-PP-CNPq AF, com o projeto de pesquisa: Relação mente-corpo na Filosofia de Espinosa, em desenvolvimento.

Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-2422-3271>.

E-mail: amboliveira.fl@uesc.br

Roberto Sávio Rosa

Professor do Departamento de Filosofia e Ciências Humanas (DFCH), da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC/BA), Ilhéus, Bahia, Brasil. Coordenador do Projeto de Pesquisa: Wilson Lins: o Demiurgo artesanal que entrelaçou Goethe, Nietzsche, Sertão e Cangaço. Cadastro PROPP número 073.6770.2020.0007700-15.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8441-9762>.

E-mail: savio@uesc.br